

4.

vicos



A agência, em seu início, por anos a fio cresceu muito lentamente. Era difícil dar grandes saltos com quase nada de portfólio, poucas peças de padrão criativo elevado, recursos muito escassos de produção, poucos clientes e pouco dinheiro para investir naquilo que realmente faz uma empresa andar:

Pessoas.

Não podíamos contratar os melhores talentos e sabíamos que para subir a escada da relevância - degrau a degrau - o que nos restava era trabalhar duro.

Assim, íamos desde cedo nos impondo um ritmo de dedicação bastante forte, tentando fazer de cada oportunidade mísera que aparecesse uma entrega criativa diferenciada em sua realidade específica.

Contávamos para isso com nós mesmos e com o tesão de profissionais iniciantes, muitos que viam na agência uma possibilidade inicial de desenvolvimento na carreira a qual poderiam alcançar um mínimo de portfólio e um nível inicial de empregabilidade.

Nosso time era formado, basicamente, assim.

Claro que, aos poucos, o próprio crescimento da agência gerou oportunidades para que muitos ali crescessem profissionalmente e conosco ficassem por anos, criando laços que foram muito além das relações profissionais.

Mas havia também um outro lado desta questão.

Por vezes, estranhávamos alguns excelentes currículos que chegavam até nós, retratando publicitários maduros, experientes, todos desfilando um rosário de passagens por uma dezena de grandes agências da cidade, alguns até de centros maiores, como São Paulo, ocupando bons cargos e, agora, sem mais nem menos, o cara estava batendo à nossa porta.

Ligávamos, então, para as pessoas indicadas como referência e inúmeras vezes elas nos diziam:

“Baita profissional. Mas tem...bem... alguns problemas de ordem pessoal. Mas tá precisando muito trabalhar de novo. Confia no cara. Dá uma chance. Ajuda ele...”

Com o tempo, descobríamos os motivos variados daquelas pessoas estarem chegando até nós.

Isso iria desde o ciúme enlouquecido de esposas traídas furibundas que já haviam adentrado outras agências com facas nos dentes (ou pior, nas mãos) atrás de maridos e amantes, passando por depressões por estresse, até casos severos e, portanto, quase incontrolláveis e patológicos de alcoolismo e drogas.

Não eram más pessoas.

Ao contrário, vários deles agarravam-se àquela oportunidade que eventualmente dávamos a eles com todas as suas forças.

Mostravam talento.

Nos ensinavam muito, pois traziam tecnologias de grandes agências.



Nos encurtavam caminhos.

Faziam a agência avançar tecnicamente e, no mais das vezes, financeiramente.

Mas isso não era para sempre.

Quase nunca foi.

Isso durava o tempo suficiente para que outra força, danada de intensa e perversa se mostrasse muito maior e implacável.

E aí, eles sucumbiam à doença.

Muitas vezes por simplesmente esquecerem-se de vir trabalhar – sumiam, assim, do nada – abandonavam a agência, começavam em outra, largavam tudo e seguiam em frente.

Um caso desses foi o de um produtor gráfico.

Não sabíamos, no momento de sua contratação, que ele era alcoolista.

Discreto, bem arrumado, franzino, chegou todo humilde com um currículo datilografado, meio amassadinho, mas digno, numa pasta de elásticos azul clara, essa sim, bastante carcomida.

O papel exibia aquela trajetória ascendente de sempre, o começo simples, como auxiliar, a passagem agência após agência, o crescimento função após função, salário após salário, ganhando prêmios publicitários de expressão, uma ou duas indicações para profissional de produção do ano, até uma pausa inexplicável no tempo (à primeira vista).

Sim, de repente surgia um hiato de tempo profissional sem vínculos maiores, onde ele dizia ter feito trabalhos como freelancer, citando uma ou duas passagens por agências menores rápidas e recentes...

Completava com algumas recomendações de profissionais renomados no mercado e coisa e tal.

Mas voltemos ao nosso produtor gráfico.

Muito capacitado, começou trabalhando conosco ali por um outubro/novembro de um ano que não sei precisar (era o final da década de 80) e seus primeiros dias na agência foram de plena satisfação para todos.

Sentíamos (ele, muito discreto, não contava muito para ninguém) que a graninha que pagávamos era curta para suas necessidades, que mesmo ele sendo uma pessoa simples, ele precisava de mais, ele estava acostumado a mais, ele certamente estava sentindo na pele – e na família – a dor que causa uma queda destas em padrão de vida.

O salário que podíamos pagar era baixo demais para tanta pressão.

Telefonemas de cobradores apareciam aqui & ali e volta e meia ele corria até a recepção da agência para entregar envelopes furtivos a pessoas de poucas palavras e poucos gestos, sempre ameaçadores.

Ele estava sofrendo.

Mas estava lutando.

Sobriamente, silenciosamente, honestamente, competentemente, lutando...

No Natal daquele ano, lembro que optamos por não fazermos grandes festas, mas sim presentear a todos os funcionários com um kit natalino “bem especial”, composto por uma garrafa de champanhe (barato), um vinho (barato) e um peru (congelado).

Talvez, penso agora, tenha havido algumas nozes e chocolates.

Talvez...

Como realizávamos entre todos um amigo-secreto de final de ano, o pessoal saía em pleno dia 24 ainda com mais alguns presentinhos nas mãos.

E não parava por aí:

Todos os brindes especiais que nos eram dados ao longo do ano e tudo que especialmente arrecadamos com fornecedores (calendários, chaveiros e agendas, essas preciosidades) também distribuíamos ao pessoal na data, contribuindo para a sensação de fartura.

Trabalhávamos dia 24 de dezembro até o meio-dia, mas de trabalho aquele meio-dia não tinha nada.

Era só o tempo daquela pequena e amistosa cerimônia...

Eis então que lá se foi o nosso produtor gráfico para casa, agora sim, feliz, com as mãos cheias de coisas “legais” para distribuir em casa e curtir a noite de Natal em família.

Jingle Bell, Jingle Bell...

Na volta do feriado, ele aparece na minha sala.

Veio me agradecer:

“Olha, Luciano, nem sei o que te dizer...

Eu tava por baixo. Pelado. Duro.

Meu sogro ia fazer um churrasco de Natal. E eu com aquela vergonha. Iria só levar as bocas pra comer.

Sabes que na antevéspera do Natal ele ainda me perguntou – assim, na frente de todo mundo, pra me humilhar – se eu ia “comparecer com alguma coisa para a festa” ou simplesmente aparecer sem nada.

Me salvaste!”

“Abafaste com a cesta, então?”
– rebati, realizado.

“É...”, ele disse.

“Mais ou menos...”, ele sorriu pra baixo, envergonhado.

“Abri o champanhe aqui mesmo, na saída da agência.
Aí fui bebendo ele todo, gole a gole, no bico, no gargalo, devagarinho, aqui mesmo na pracinha do lado.
Aí, aproveitei o embalo e tomei o vinho no ônibus.

Aí me engolesmei todo...

Aí perdi todos os meus presentes...”

Ele dizia isto ainda meio que rindo, o sapeca.

“Menos o peru. Ah, esse não...”

Eu tava bem abraçadinho nele.

Ele derretendo, gelado, e eu ali, nas alturas, mas bem agarradinho...

Aí, cheguei lá, e o meu sogro que já tava iniciando o fogo, me olhou atravessado...

Não tive dúvidas: atirei o peru na cara dele e disse:

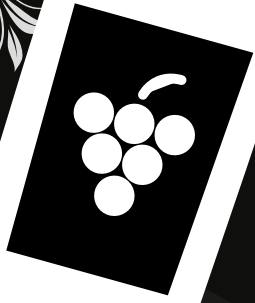
“Agora, assa!”

E ele teve que assar...”

Bem, ele ainda jurou que ficou bom.



Champs



FUTEBOL & REFORÇOS

Tínhamos um time de futebol de salão (era assim que chamávamos na época)

na agência.

Um time claudicante, vacilante, de talentos escassos e que sobreviveu graças a uma incrível paixão pelo esporte que eu e meus sócios tínhamos na época.

Como jogávamos nas segundas-feiras às 22h00, (sim, dez da noite!) era usual termos desistências em nosso time (quando não do adversário inteiro), principalmente durante as noites geladérrimas que compõem as agruras do inverno gaúcho.

Para suprir essas carências, tínhamos um último recurso:

Íamos até uma vila (barra pesadíssima) onde morava nosso office-boy e recrutávamos então os talentos disponíveis mediante algum pequeno incentivo financeiro (fundamental para a semana deles), sem falar no pastel e na cerveja pós-jogo.

Era uma gurizada superlegal

(em tese) e, se bem me lembro, tinha normalmente até uma certa disputa pra eventualmente jogar conosco.

Mas, também, era uma dose de realidade na veia que nos expunha às dificuldades sociais que conhecemos neste Brasil perverso.

Exemplos?

Uma noite fomos recrutar nosso goleiro. Baita goleiro.

Um guri imenso que voava para cá e para lá em pontes espetaculares.

Ele tinha 16 anos. Estava no segundo casamento. No terceiro filho.

Eis que um cara, vizinho dele, se debruçou na janela do carro:

“Não vai dar. Ele tá guardadinho. Foi fazer um Shell, daí sujou, o trabalhador se encrezilhou e... espetou o cara!!!”

Traduzindo:

Ele estava preso por esfaquear o frentista que reagiu quando ele tentava assaltar um posto de gasolina...

